

“São todos nomes de demônios!”: fenômenos do signo toponímico nos nomes das ruas do Jardim Sucupira e seus efeitos

"Are all names of demons!": phenomena of the toponymic sign in the names of the streets of the Jardim Sucupira and their effects

Natália Oliveira NASCIMENTO*
Rita de Cássia Ribeiro de QUEIROZ**

RESUMO: O presente artigo trata de um recorte da dissertação intitulada “De Oxumaré à Rosa de Sarom: a influência religiosa na substituição dos topônimos das ruas do Loteamento Jardim Sucupira em Feira de Santana - BA”¹. Neste artigo objetivamos apresentar os fenômenos ocorridos nos signos toponímicos das ruas do Loteamento Jardim Sucupira, em Feira de Santana-BA, e seus efeitos. O referido loteamento é portador do conjunto lexical com quinze nomes de rua com étimo dividido entre as línguas *banto*, *iorubá* e *fon*, constituindo nosso *corpus*, coletado no *Google maps* e no catálogo da Telecomunicações da Bahia S.A - Telebahia, o qual apresenta o fenômeno da opacidade, com mais recorrência, e o fenômeno da fossilização. No desenvolvimento deste artigo recorreremos ao estudo de Carvalhinhos e Antunes (2007), que trata dos fenômenos do signo toponímico, assim como utilizamos a colaboração da toponimista Dick (1990)

ABSTRACT: The present article deals with a cut of the dissertation entitled "From Oxumaré to the Rose of Sarom: the religious influence in the replacement of the street names of the Jardim Sucupira Loteamento in Feira de Santana - BA". In this article we aim to present the phenomena that occurred in the toponymic signs of the streets of Loteamento Jardim Sucupira, in Feira de Santana-BA, and their effects. This subdivision is the bearer of the lexical ensemble with fifteen street names with the last one divided between the Banto, Yoruba and Fon languages, constituting our corpus, collected in Google maps and in the Telecommunications catalog of Bahia SA -Telebahia, which presents the phenomenon of opacity, with more recurrence, and the phenomenon of fossilization. In the development of this article we resorted to the study by Carvalhinhos and Antunes (2007), which deals with the phenomena of the

*Mestre em Estudos Linguísticos UEFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0835-4754>. nata.nascimento29@gmail.com

**Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Professora Plena UEFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8698-3367>. rcrqueiroz@uol.com.br

¹Dissertação defendida pela autora Natália Oliveira Nascimento, no dia 21/02/2019, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

sobre a opacidade e a fossilização ocorridas nos topônimos.

toponymic sign, as well as the collaboration of toponymist Dick (1990) on opacity and fossilization that occurred in toponyms.

PALAVRAS-CHAVE: Topônimos. Fenômenos do signo toponímico. Loteamento Jardim Sucupira. Feira de Santana-Ba.

KEYWORDS: Toponyms. Phenomena of the toponymic sign. Jardim Sucupira Allotment. Feira de Santana-Ba.

1 Introdução

Raramente há uma reflexão da população sobre o significado dos nomes próprios atribuídos aos lugares, dessa forma, também não é importante saber sobre as mudanças ou substituições sofridas por esse tipo de *onoma*. Porém, nossas atitudes, crenças e tradições interferem diretamente na língua e conseqüentemente na nomeação dos lugares, sendo responsável pelos principais fatores que transformam o conjunto lexical toponímico de uma determinada comunidade.

Os topônimos do Loteamento Jardim Sucupira, em Feira de Santana-BA, remetem às línguas africanas, como: a *iorubá*, a *fon* e as línguas *bantas*. Essas no Brasil, especificamente na Bahia, fazem parte da chamada "língua de santo" utilizada na liturgia do candomblé. Logo, as questões direcionadas à essa religião de matriz africana, como o preconceito e o racismo velados, transbordam sobre tais signos toponímicos, conduzindo os moradores do supracitado loteamento a entenderem os referidos topônimos como "nomes de demônios", o que causa a transformação e, como constatado no presente estudo, a substituição desses signos por outros, como os que se enquadram na religião judaico-cristã, mais aceita pela sociedade brasileira.

A partir dessa breve reflexão surgiram as seguintes indagações: o que motivaria uma comunidade a categorizar como "nomes de demônios" os nomes de rua com etimologia das línguas africanas, os quais fazem parte da liturgia do candomblé? Apenas abordando as questões histórico-culturais da comunidade é possível explicar a estigmatização que conduziu à substituição desses topônimos? Para responder a

essas perguntas fizemos um estudo no intuito de compreender as características do signo onomástico, enfocando os traços do signo toponímico, como a motivação abordada por Dick (1990), inerente a esse signo, depois tratamos sobre os fenômenos da opacidade, da fossilização, da cristalização e do esvaziamento semântico presentes nos topônimos do Loteamento Jardim Sucupira.

2 Pressupostos teóricos

Para Saussure (1993, p. 81), "O signo linguístico é arbitrário" em relação ao seu significado. O autor enfatiza que "A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]" (SAUSSURE, 1993, p. 83), pois apenas um indivíduo não é capaz de realizar a mudança do signo linguístico, pois, sendo ele social, tem um traço convencional que depende da aceitação da comunidade linguística para sua implantação ou mudança. Nesse sentido, o autor segue afirmando que "[...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade" (SAUSSURE, 1993, p. 83), fato incompatível com a essência do signo toponímico, o que veremos mais adiante com os conceitos apresentados por Dick (1990). Entende-se assim que Saussure (1993) atribui a arbitrariedade do signo ao fato de que na criação da palavra, isto é, na lexemização o significante muitas vezes não está relacionado a uma motivação natural que identifique o que foi nomeado.

Porém, o próprio Saussure (1993) atenua o princípio da arbitrariedade do signo, fazendo uma distinção entre o que é absolutamente arbitrário e o que é relativamente arbitrário (FIORIN, 2003, p. 62). Assim como o dezenove, que é composto por dez + nove, sendo um signo formado por outros signos portando um traço relativamente arbitrário, os signos toponímicos vêm de outros signos, portanto se enquadrariam na concepção de Saussure (1993) como relativamente arbitrários ou motivados, conforme a concepção de motivação dada por Martelotta e Wilson (2015), que apresentam a

noção de arbitrariedade da seguinte maneira: baseia-se no princípio da convenção, em que não há relação entre o som da palavra e a coisa designada. Enquanto a noção de iconicidade ou motivação é apresentada da seguinte forma: está baseada nos motivos refletidos na estrutura das palavras, apresentando uma relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos expressados por eles.

Ainda sobre a arbitrariedade, Martelotta e Wilson (2015, p. 75) afirmam que:

[...] as palavras nas quais há uma arbitrariedade relativa são caracterizadas como casos de *motivação*. Podemos definir motivação como a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um *motivo* para assumirem uma forma em vez de outra.

Martelotta e Wilson (2015) consideram que as noções de arbitrariedade e motivação ou iconicidade não são exclusivas, mas sim pontos de vista diferentes sobre um mesmo aspecto. Dessa forma, inferem que na visão da linguística funcionalista e sob os princípios teóricos que caracterizam a linguística cognitiva, as concepções de arbitrariedade e iconicidade ganharam novos contornos, pois a língua passou a ser observada como o reflexo do comportamento de seus usuários em situações reais de comunicação. Nesse sentido, esta é uma concepção dinâmica em que a linguagem é concebida como um elemento criador de significação nos diferentes contextos de uso.

O uso da língua nas situações reais de comunicação sugere que estamos constantemente adaptando as estruturas linguísticas para se tornarem mais expressivas nos contextos em que as empregamos. Isso ocorre porque, por um lado, as formas muito frequentes na língua acabam perdendo seu grau de novidade, ou seja, sua expressividade. Por outro lado, o homem muda e, com ele, muda também o ambiente social que o cerca (MARTELOTTA; WILSON, 2015, p. 77).

Esse processo de adaptação linguística conforme a expressividade nos diferentes contextos é percebido nos topônimos por meio dos fenômenos da

opacidade, da fossilização e do esvaziamento definidos por Carvalhinhos e Antunes (2007), sofridos pelos signos toponímicos no decorrer do uso lexical, sobre os quais discorreremos melhor no próximo ponto.

2.1 O signo na Toponímia

O signo toponímico resulta da percepção que o homem tem da realidade circundante, assim é carregado de motivações presentes na relação entre o denominador, o locativo e o logradouro. Esse configura um lugar, isto é, o topônimo marca a existência de um local antes desconhecido, referenciando-lhe e organizando-o conforme a percepção e a motivação dele extraída.

Nesse sentido, em sua tese, a toponimista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990) objetivou estruturar os motivos ou as fontes geradoras dos nomes de lugares que compõem o quadro amplo da motivação toponímica. Para a autora, o signo linguístico em função toponímica é essencialmente motivado, sendo esta uma das suas principais características.

Segundo Dick (1990, 1992), a motivação toponímica apresenta dois aspectos, em dois momentos diferentes, a saber: na intencionalidade que anima o denominador, levando-o à escolha de um determinado nome para um acidente geográfico; e na própria origem semântica da denominação, o que pode envolver procedências das mais diversas. Logo essas duas modalidades configuram perspectivas diacrônicas e sincrônicas.

Sobre os fatores que influenciam a criação do nome do lugar, assim como Dick (1990, 1992), Isquedo (2012) apresenta a intencionalidade do denominador junto às características de seu grupo, mais outros dois fatores: motivações ambientais, que unem o olhar do denominador às suas expectativas sobre a área nomeada (podendo ser esta um rio, uma montanha ou qualquer outro acidente) e as condições da produção na criação do nome.

Complementar à ideia apresentada por Dick (1990), está a noção de linearidade do signo abordada por Fiorin (2003), na qual os signos são produzidos uns depois dos outros, seguindo uma sequência temporal e espacial. Na linearidade há a conotação e a denotação, a primeira pode ser formada na relação existente entre o significado acrescentado e o significado já presente no signo denotado. Dessa forma, o signo toponímico pode ser classificado como um signo conotado, pois é formado por um signo portando um significado já existente que adquire um novo por meio da percepção ou intencionalidade que o homem teve ao denominar um determinado local. Segundo Fiorin (2003), o signo conotado apresenta dois mecanismos, a metáfora e a metonímia. O primeiro é o acréscimo de um significado a outro, isto é, há uma relação de semelhança e intersecção entre eles. Já na metonímia, além do acréscimo de um significado a outro, há uma relação de contiguidade, de coexistência e de interdependência. Porém, o signo toponímico mais se enquadra no conceito do signo conotado com mecanismo metafórico, porque a formação desse é proveniente da intersecção existente entre um signo com um pré-significado e um novo significado aplicado a este, entre os quais há traços em comum. Nesse sentido, "[...] cada língua conota diferentemente e, por isso, a maneira de ver o mundo varia de língua para língua" (FIORIN, 2003, p. 68). Assim, os signos toponímicos também apresentam uma singularidade quanto à sua conotação conforme a motivação em cada comunidade, visto que "[...] signo é toda produção humana dotada de sentido" (FIORIN, 2003, p. 68).

Para Dick (1990, p. 41), a ideia de identificação de algo ou dos seres:

[...] não deveria ser aceita com rigor, nas ciências onomásticas. Pois, tanto os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade que esses nomes adquirem, ao se distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais.

Nesse sentido, Dick (1990) define que o nome em função toponímica, quando há a ausência do motivo determinante da sua formação, este pode ser caracterizado como um fóssil linguístico, tendo sua importância para os estudiosos toponímicos por ser fonte de conhecimento tanto da língua falada em uma determinada região, como das ocorrências geográficas, históricas e sociais testemunhadas pelo povo que habitou tal localidade. Logo, os topônimos de origem africana que compõem o *corpus* pesquisado funcionam como um fóssil linguístico e têm o papel revelador desses aspectos, especificamente os aspectos históricos e sociais.

Quando o signo toponímico perde os sinais da motivação ou não mais estabelece uma relação entre o que foi nomeado, ocorrem os fenômenos linguísticos descritos por Carvalhinhos e Antunes (2007) como a fossilização, a opacidade e o esvaziamento, esses, ao serem analisados, esclarecem alguns aspectos tanto do nome de lugar, que muitas vezes apresenta modificações sofridas com o tempo, quanto da localidade denominada.

O topônimo adquire opacidade quando se desconhece a língua em questão, o que acarreta a não decodificação desse, e possivelmente sucederá em uma mudança; o tempo e a sobreposição de camadas linguísticas, também, influenciam na opacidade do locativo. O fenômeno da fossilização ocorre no signo toponímico quando não há mudança após sua criação, ocorrendo assim uma cristalização, em que o locativo conserva exatamente os mesmos elementos linguísticos do momento da denominação; semanticamente esse fenômeno se resume ao esvaziamento. Sobre tais fenômenos, Carvalhinhos e Antunes (2007, p. 115-116) complementam que "[...] a partir do momento em que a língua oral muda e também o meio ambiente se transforma, provavelmente o referencial físico que elucidaria o significado não mais existe, o que inviabiliza ou pelo menos dificulta a reconstrução etimológica".

Dick (1990, 1992) já apresentava a opacidade e a fossilização, que é a ausência do motivo determinante ou concorrente de sua formação, como características

adquiridas pelo topônimo, nesse viés, Dick (1990, p. 44) apresenta uma característica positiva da cristalização semântica decorrente da fossilização, pois acredita que:

Relativamente ao Brasil, a cristalização semântica dos topônimos, ou seja, a sua persistência como signos geográficos, mesmo quando seus elementos componentes deixaram de ser facilmente identificáveis pela população local, adquire considerável importância. Isto ocorre principalmente quando se trata da reconstituição de falares indígenas já extintos, como aconteceu com o Tupi Quinhentista, no dizer de Anchieta a língua mais geral usada na costa do país, no século XVI.

Especificamente neste trabalho, a reconstituição dos falares africanos por meio do léxico toponímico se constitui como uma verdadeira extração, pois, como acreditamos, evidencia aspectos históricos, culturais e linguísticos dos africanos escravizados no período da colonização não só da cidade de Feira de Santana, assim como do estado da Bahia.

Enfatizamos que não há uma relação de descrição entre os topônimos que compõem nosso *corpus* e o logradouro batizado, assim o relacionamos melhor ao aspecto cultural de tais localidades. Tal aspecto, que inclui o conteúdo semântico observado dos nomes de lugares, contribui para a classificação toponomástica que realizamos dos nomes das ruas.

Quanto aos termos formadores do signo toponímico, Dick (1992) postula que são basicamente dois: o termo genérico e o termo específico. O primeiro denomina o acidente geográfico ou humano nomeado pelo topônimo e o segundo relaciona-se ao denominativo, o que particulariza, singulariza e identifica, isto é, refere-se ao nome que batiza o acidente, fazendo relação da motivação ou não com o meio denominado.

Para além do estudo do topônimo como signo linguístico, a Toponímia se ocupa da análise e compreensão dos elementos que interferem na conduta humana no ato da denominação de lugar. Dessa forma, interessa à análise toponomástica os aspectos linguísticos, o que envolve os fatos culturais e históricos contemporâneos à nomeação

de um determinado lugar. Mas, o *corpus* lexical toponímico por nós estudado passa por um processo de substituição de forma que será necessário fazer um duplo estudo, de "ontem" e de "hoje", para a compreensão da motivação de tais mudanças.

Ainda sobre a motivação toponímica, Dick (1990) afirma que há dois pontos de vista, a saber: aquele do denominador e das razões que o levaram a selecionar uma das possibilidades de denominação para responder às necessidades momentâneas de opção, e o da natureza do produto dessa escolha ou a substância mesma do topônimo. Mas, o pesquisador toponimista necessita percorrer um caminho que identifique a raiz de tal motivação presente na aplicação do designativo. Logo,

[...] o conjunto das circunstâncias sócio-culturais, em seu mais amplo sentido, que constitui a realidade na qual o denominador se integra, como membro participante de sua dinâmica, poderá facilitar o possível conhecimento dos motivos que o condicionaram, naquele momento preciso (DICK, 1990, p. 50).

O conjunto lexical denominativo das ruas do já referido loteamento apresenta dois momentos de nomeação: o primeiro momento é entendido quando da primeira nomeação toponímica com nomes oriundos da África, provenientes do iorubá, em sua maioria, e o segundo momento, o da substituição dos nomes, ainda em andamento. Como constatamos em nossa pesquisa de campo, já é falecido o nomeador dos logradouros do primeiro momento da denominação do loteamento Jardim Sucupira², assim direcionamos a pesquisa através dos aspectos culturais e sociais, baseando-nos nas informações de moradores da localidade para descrever a motivação toponímica presente nos referidos topônimos. Quanto ao segundo momento, tivemos contato com alguns dos nomeadores das ruas que pretenderam retirar o antigo nome de forma

² Segundo informações coletadas por meio da pesquisa de campo, soubemos que o senhor que nomeou as ruas do loteamento Jardim Sucupira no primeiro momento chamava-se Benivaldo, que era funcionário da Prefeitura de Feira de Santana.

arbitrária. Sendo assim, tivemos acesso direto à motivação dos novos nomes, algo que facilita a nossa apreensão. Essa substituição toponímica, para Dick (1990), pode acarretar uma nomenclatura artificial que se distancia da primeira, a qual traduzia a intencionalidade primeira do denominador quanto ao acidente que identificava.

3 Metodologia

Demarcado como loteamento do bairro Baraúnas em Feira de Santana – BA, o Jardim Sucupira pode ser compreendido como um local periférico da cidade, que apresenta um considerável agrupamento de logradouros antes denominados pelo conjunto léxico oriundo das línguas africanas utilizado nas religiões dessa etnia, a saber: Rua Nanã, Rua Oxóssi Guerreiro, Rua Ogum de Ronda, Rua Omulu, Rua Oxumaré, Rua Xangô, Rua Ifá, Rua Aruanda, Rua Iansã, Rua Iemanjá, Rua Oxóssi Pena Branca, Rua Oxalá, Rua Orixás, Rua Obaluaê e Rua Oxum, sendo um total de 15 topônimos, os quais constituem nosso *corpus*. Porém, entre eles há um grupo toponímico que passa por substituições, a saber: Rua Ogum de Ronda, Rua Xangô, Rua Ifá, Rua Oxumaré, Rua Oxum, Rua Oxóssi Pena Branca e Rua Omulu, que ao ser analisado revelou os fenômenos do signo toponímico por nós abordados.

Para chegarmos ao conhecimento desse conjunto lexical toponímico de origem africana, coletamos um total de 24 nomes de logradouros, extraídos da planta do referido loteamento, encontrada na Secretaria de Planejamento de Feira de Santana – Seplan, e do catálogo da extinta Telebahia (Telecomunicações da Bahia S.A.), pois foram as fontes primárias encontradas para a realização da pesquisa. Logo, realizamos uma pesquisa etimológica desses, com o objetivo de saber a origem de cada topônimo e definir quais deles são oriundos das línguas afros.

Realizamos uma pesquisa descritiva dos topônimos apresentados, baseada na classificação taxionômica de Dick (1990, 1992), sendo assim, para a coleta de dados, foi necessária a realização de entrevistas semiestruturadas no referido loteamento, nas

quais abordamos moradores/informantes com o objetivo de colher informações linguísticas e extralinguísticas que nos ajudassem na pesquisa toponímica das ruas, a saber: nome do informante, atividade que exerce, local da pesquisa, idade do informante, grau de instrução do informante, religião do informante, tempo de moradia no local, data da pesquisa, registro de topônimos e observações gerais, para isso utilizamos a seguinte ficha do informante, adaptada de Valea (2003 *apud* SOUSA, 2013):

Quadro 1 – Ficha do informante.

Nome do informante (código ID)	
Atividade que exerce	
Local da pesquisa (casa ou rua ou local de trabalho)	
Idade do informante	
Grau de instrução	
Religião do informante	
Tempo de moradia no local	
Data da pesquisa	
Registro de topônimos e informações	
Observações gerais	

Fonte: Valea (2003 *apud* SOUSA, 2013) (adaptado).

Considerando que um dos objetivos da pesquisa é a identificação de topônimos atuais e anteriores, preenchemos o espaço reservado ao “Registro de topônimos e informações”, constado na Figura 1, com a resposta da seguinte indagação feita aos informantes no momento da pesquisa: qual é o nome desta rua onde você reside? Dessa forma, utilizamos a resposta do informante para descobrir o topônimo atual e analisar o uso toponímico dos já referidos logradouros.

Para a entrevista da coleta de dados tivemos como critério escolher o morador/informante, maior de 18 anos, com tempo de moradia no loteamento igual ou superior a 9 anos, pois acreditamos que quase uma década é tempo suficiente para

acompanhar o processo de variação e mudança pelo qual passaram e passam os topônimos das ruas de um lugar, além da contribuição para o levantamento histórico do local, que contribui para a descrição toponímica realizada.

4 Resultados

Ao observarmos o referido conjunto lexical toponímico e relacionarmos aos relatos dos informantes/moradores do Loteamento Jardim Sucupira, que se referem aos topônimos de origem africana como "nomes de demônio" e "pesados", inferimos que esse fato é um produto da opacidade em que não há a decodificação do signo linguístico, pois ignoram a origem iorubá desses nomes, sendo ignorados também os significados desses, logo, alimentam crenças que definem como diabólicas as entidades da religião africana batizadas por esses nomes. Tais crenças geram atitudes negativas, como as substituições dos nomes em questão, pois mais do que negar a existência de uma crença religiosa, negam a influência dos costumes, tradições e cultura do negro na história da comunidade feirense.

Conforme a ideia apresentada por Carvalhinhos e Antunes (2007), inferimos que as transformações tanto da língua oral quanto do meio ambiente podem ser frutos de um referencial antropológico não mais existente, portanto insignificante em determinada localidade, isto é, a partir do momento em que se tem mais igrejas evangélicas em uma comunidade, difundindo a crença cristã que não tolera elementos provenientes das práticas religiosas africanas, especialmente do candomblé, as ideias e a língua do povo de santo deixam de ser referencial antropológico dando lugar às crenças e à linguagem judaico-cristã, como constatado na comunidade do Loteamento Jardim Sucupira.

Enfatizamos que, para além do aspecto social está o linguístico, pois a plenitude de tais nomes se mantém distante do sistema da língua portuguesa, restrito à linguagem do povo de santo. Quanto às transformações do aspecto semântico

produzidas a partir dessa linguagem, Pessoa de Castro (2005) afirma que elas são determinadas pela mudança sociocultural, sendo seus casos mais corriqueiros relacionados à polissemia, em que ocorre uma extensão lógica e gradativa no sentido do vocabulário importado. Para exemplificar tal afirmação, a autora apresenta os termos *ebó*, da família kwa, e *bozó*, da família banto, significando oferenda propiciatória enviada aos deuses, e *despacho*, do português, entendido como o envio. Como as oferendas são despachadas, na linguagem popular da Bahia, para os que são alheios à língua de santo os termos *ebó*, *bozó* e *despacho* começaram a tomar “sentido” de “feitiçarias”, ou seja, os termos relacionados ao ato de envio e às oferendas foram agrupados em um só termo. Por terem um caráter gradual, as transformações seguem ocorrendo e agora na linguagem regional da Bahia as palavras *bozó* e *despacho* adquiriram o “significado” de “feitiçaria” motivado pela conotação pejorativa e anti-religiosa atribuída por meio do parâmetro sociologicamente produzido pelo cristianismo.

Processo semelhante ocorre na linguagem de um grupo de moradores do Jardim Sucupira, pois os nomes dos orixás, inquices e voduns utilizados como léxico toponímico das ruas do loteamento ganharam pejorativamente o sentido de “nomes de demônios”, podendo ser agrupados em “entidades demoníacas” pelo mesmo motivo que atribuíram o significado de “feitiçaria” aos termos *bozó* e *despacho*. Também associamos a esse fato a noção de linearidade do signo abordada por Fiorin (2003), em que há a conotação, que é formada na relação existente entre o significado acrescentado e o significado já presente no signo denotado, aqui representado pelo significado dos nomes das chamadas línguas de santo africanas.

Ainda sobre os fenômenos como as mudanças de sentido nos termos das línguas africanas, Monadeosi (2015, p. 279) afirma que “[...] perda de significado, criação de novas palavras, empréstimos lexicais estão estreitamente ligados às condições adversas nas quais esses povos reorganizaram o seu *modus vivendi*, trazido

de diferentes regiões do continente africano". Hoje podemos comprovar com este estudo que as condições adversas seguem modificando a língua desses povos no continente americano, especialmente em solo brasileiro.

Logo, constatamos os efeitos dessas transformações semânticas, principalmente da polissemia, também responsáveis pelo fenômeno da opacidade nas substituições de 47% do conjunto lexical toponímico constituinte do nosso *corpus*, a saber: Rua *Ogum* de Ronda, Rua *Oxóssi* Pena Branca, Rua *Oxumaré*, Rua *Xangô*, Rua *Ifá*, Rua *Omolu* e Rua *Oxum*, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Identificação percentual dos topônimos de origem africana que sofreram o fenômeno da opacidade no Jardim Sucupira.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Outro fenômeno presente nos topônimos de origem afro do Jardim Sucupira é o da fossilização, em que não houve mudança ou substituição onomástica, gerando uma cristalização e conseqüente esvaziamento semântico, pois a população que os utiliza não realiza a relação do signo toponímico com o logradouro denominado, pois desconhece seu significado e valor cultural, fato que fomenta a estigmatização e rejeição do topônimo que, como abordado, só é associado à religião do candomblé, estereotipada como diabólica pela cultura judaico-cristã. Sendo assim, inferimos que todos os signos toponímicos do conjunto léxico do loteamento Jardim Sucupira que ainda não passaram pela opacidade, estão condicionados à fossilização, correspondendo aos 53% dos topônimos que não sofreram opacidade, representados

no Gráfico 1, a saber: Rua *Iansã*, Rua *Omulu*, Rua *Orixás*, Rua *Nanã*, Rua *Aruanda*, Rua *Oxóssi* Guerreiro, Rua *Iemanjá* e Rua *Obaluaê*.

Porém, faz-se necessário frisar que os referidos nomes de rua que sofreram a mudança toponímica possivelmente passaram pelo processo da fossilização, depois pela cristalização e pelo esvaziamento semântico, chegando à opacidade e substituição. Sendo assim, podemos afirmar que os oito topônimos com étimo das referidas línguas africanas das ruas do loteamento Jardim Sucupira, que estão fossilizados, percorrem um caminho que os levarão a uma breve fatalidade, isto é, estão a um passo da substituição.

5 Considerações finais

Debruçar sobre os signos toponímicos por meio dos fatos culturais que recaem sobre os fatos linguísticos nos fazem compreender em plenitude os efeitos dos fenômenos nesses signos. Assim, pudemos comprovar que o trato preconceituoso, sociologicamente difundido no Brasil e na Bahia, direcionado aos topônimos do Loteamento Jardim Sucupira, faz seus moradores atribuírem uma atitude antirreligiosa aos topônimos com léxico da chamada língua de Santo, considerando aceitável apenas as ideias advindas da cultura judaico-cristã, justificando assim a redução dos nomes dos *orixás*, *inquices* e *voduns*, pertencentes ao candomblé, a “nomes de demônios”.

A intersecção das questões que permeiam a história e a cultura da comunidade do loteamento feirense, que utiliza o conjunto léxico toponímico oriundo das línguas africanas, nos revelou que não há a decodificação das línguas *iorubá*, *fon* e *bantas*, que originaram o léxico toponímico do supracitado loteamento, sendo a substituição toponímica o efeito dos fenômenos da opacidade e da fossilização sofridos pelos nomes das ruas do Jardim Sucupira.

Ressaltamos que ao longo deste trabalho não foi nosso objetivo debater ou defender qualquer segmento religioso, mas se fez necessário passear pelas questões que circundam as religiões de matriz africana apenas para demonstrar os traços extralinguísticos no conjunto lexical estudado. Sendo assim, atribuímos a importância desse aos estudos linguísticos direcionados à conservação das bases linguísticas que compõem a matriz toponímica brasileira, composta pelos estratos das línguas portuguesa, indígenas e africanas.

Referências

- CARVALHINHOS, P. J.; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. **Cadernos do CNLF**, v. 11, n. 3, p. 108–121, 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001640939>. Acesso em: 12 nov. 2017.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia do Brasil**: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- FIORIN, J. L. A teoria dos signos. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, p. 55-74, 2003. v. 1.
- ISQUERDO, A. N. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historiographique. **Cahiers de lexicologie**: dynamique de la recherche en lexicologie, lexicographie et terminologie au Brésil, Paris, v. 2, n. 101, p. 15-35, 2012.
- MARTELOTTA, M. E.; WILSON, V. Arbitrariedade e iconicidade. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 72-85.
- MONADEOSI, I. Línguas africanas no candomblé. *In*: PETTER, M. (org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 251-280.
- PESSOA DE CASTRO, Y. **Falares africanos na Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SOUSA, A. M. de. Para a aplicação da toponímia na escola. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 2, p. 294-306, 2013.

Artigo recebido em: 13.05.2019

Artigo aprovado em: 29.10.2019